



www.delfimsantos.org

Resenha de 'Meditação sobre a Cultura'

Diamantino Martins (1946)

Delfim Santos, MEDITAÇÃO SOBRE A CULTURA, vol. de 178 x 235 e 22 págs., Lisboa 1946, Braga: *Revista Portuguesa de Filosofia* 2, 1946, 432-434.

Quais as conclusões a que chega o A., neste ensaio publicado pela primeira vez em RUMO? *«O homem na organização da sua vida social ainda não atingiu nada de definitivo e não o atingirá nunca, embora viva e morra convencido de que contribuiu para tornar eterno o que é efêmero [...] o que mais importa defender não são os produtos ou formas civilizacionais típicas de certas épocas, mas sim o homem mesmo, porque este traz em si possibilidades de criação de novas formas, possivelmente em melhor acordo com a sua própria época de vida [...] as chamadas épocas destruidoras são atos preliminares para a eclosão de novas formas de cultura melhor adaptadas à humanidade do homem».*

Mas ao passo que na maioria das outras crises europeias se procurava um sistema de valores que realizasse o ideal de que todos estavam persuadidos, na crise atual busca-se um ideal para onde seguramente se possa caminhar, e a cujo serviço se ponha toda a riqueza da ciência e da técnica.

Podemos dizer que falta, sobretudo, um justo apreço dos valores especificamente humanos: *«O mundo moderno pôs em relevo os produtos da atividade humana e esqueceu o homem. E o homem, por sua vez, esqueceu-se de si mesmo [...]. Vive num esforço constante de extroversão. Beleza é para ele a paisagem. Tem como programa da sua ação dominar a natureza. Fez da ciência um instrumento de domínio sobre os outros [...] pavorosa derrota [...] derrota de si mesmo. Que sabe ele do homem enquanto homem [...] de tudo isso que não teve, até agora, valor científico, mas que no fundo constitui o humano, o verdadeiramente humano?».*

Felizmente que esta atitude se vai, pouco a pouco, transformando: *«Hoje, começa-se a compreender que, mais do que os produtos criados pelo homem, valem os próprios homens, porque estes trazem em si a possibilidade de fazer, ou criar, aquilo que os pode revelar como homens. Ante uma bela obra de arte quase sempre esquecemos o artista que a concebeu ou realizou. Porém, a obra de arte nada mais é do que a ilustração das possibilidades do homem, enquanto artista. O mesmo se poderá dizer da ciência, da filosofia e da religião».*



www.delfimsantos.org

Compreende-se assim a importância que tem para o filósofo de hoje o estudo do homem e dos valores intrinsecamente humanos. Mesmo sob o ponto de vista do conhecimento, algo se descobriu no homem a que anteriormente se não tinha ao menos prestado a devida atenção: *«parece haver alguma coisa mais no homem que, no plano do conhecimento, se não deixa reduzir nem à sua recetividade sensorial, nem à sua espontaneidade racional. São os valores. Os valores conformam a cultura e a personalidade, mas para que esta conformação seja possível, é necessária uma capacidade de receção dos valores que não é comum a todos»*.

Os trabalhos da moderna caraterologia, para não falar já das obras fundamentais de Ribot, mostram como *«a assimilação de valores requer mais alguma coisa do que a inteligência humana ou pelo menos alguma coisa diferente»: «indivíduos com o mesmo coeficiente de inteligência não possuem o mesmo grau de **compreensão** [dos valores]. E isto indica-nos que a compreensão não é puramente intelectual»*.

É inegável o facto: *«homens com inteligência altamente desenvolvida para certos domínios do saber são, no entanto, fechados a compreensão de certos valores»*. Qual a conclusão que daí se deduz? *«Parece, portanto, existir além da razão e da sensibilidade mais alguma coisa no homem, voltada para a compreensão dos valores»*, valores que são atingidos por um conhecimento de natureza emocional, segundo o ilustre Autor deste ensaio, interpretando, entre outros, Pascal e Santo Agostinho.

Já esquematizámos, um dia, o que nos parece sobre este problema. Uma frase da *Meditação sobre a Cultura* resume, ao mesmo tempo que esclarece, o ponto central da argumentação da teoria em questão: *«um valor não é uma ideia e, portanto, não pode ser atingido pela razão, como também não é uma percepção e não pode, pois, ser atingido pelos sentidos»*. ***Mas o pensamento não pensa só o pensamento; pensa, e sobretudo, as coisas***: as ideias, na velha terminologia escolástica, não são *medium quod*, mas *medium quo* ou *in quo*, dos nossos conhecimentos intelectuais.

O que é necessário é uma certa experiência, em que concretamente seja atingido o valor em questão, e donde esse valor seja abstraído pela inteligência; na experiência de alguma coisa *que vale* encontramos o ponto de partida para o conhecimento do valor em questão. Não excluimos, portanto, da nossa teoria, o ponto de vista emocional; ***na emoção atinge-se, concretamente, um valor de ordem emotiva***. O mesmo se diga dos demais valores.

Mais, portanto, que elemento último do conhecimento dos valores, o conhecimento emocional é apenas a primeira fase desse conhecimento. Para que esse conhecimento seja perfeito é necessário trazer para o primeiro plano o que ordinariamente só no segundo aparece, a relação do objeto conhecido ao sujeito que o conhece, em vez de unicamente nos fixarmos nesse objeto em si.



www.delfimsantos.org

É esta experiência fundamental dos valores concretos que deve estar, segundo nos parece, na base de toda a teoria dos valores. *Se o homem não é pensamento puro, como queria Descartes, o homem tudo pode pensar*, mesmo o que mais profundo há no homem; mas o pensamento não deve identificar-se com a idealização abstrata: a intuição é a função principal do pensamento.

Tem, por isso, razão o Dr. Delfim Santos, quando escreve: «*Esta preocupação de tudo reduzir ou de tudo considerar na vida psíquica como tendência para o intelectual, parece ser o motivo de muitas dificuldades em certas correntes da psicologia contemporânea*». «*A esfera do sensível, a esfera do emocional e a esfera do inteligível são relativamente independentes e nenhuma delas supera ou anula qualquer das outras*».

Mas se muitos dos males da época moderna vêm da confusão dos valores que dependem do homem com os valores de que ele depende, a sua ordenação não depende unicamente do tipo de cultura em que o homem vive ou pretende viver.

Se é verdade que a educação é sempre «*uma atividade em função de valores*», e se a educação tem como missão preliminar a «*descoberta do tipo a que o homem pertence, e depois em relevar os valores próprios a cada um destes tipos, porque só eles podem conformar ativamente a personalidade*», não se deve esquecer que as modalidades individuais afetam um núcleo central idêntico a todos os homens.

Se é verdade, portanto, que juntamente com o homem «*morre tudo aquilo de que ele foi autor ou agente criador*», não morre o que ele meramente descobriu, mas que existe ou é independentemente dele pela simples razão de que há valores independentes do homem, onticamente.

Dum modo especial é necessário evitar a identificação dos valores, em relação à atitude de espetador e de ator, como se ambos fossem do mesmo quilate.

Mais que o próprio conhecimento dos valores vale a realização dos valores, em arte, em filosofia, em tudo. Vale mais, em igualdade de circunstâncias, a imperfeita realização de uma obra de arte, do que a perfeita crítica da mesma obra. Disto se esquece «*a crítica fácil e niveladora das suas capacidades de observador com a atividade daqueles que ele contempla*».

Não podemos deter-nos, neste momento, sobre a restrição do princípio de causalidade ao mundo físico, como faz o Dr. Delfim Santos. É, infelizmente, frequente esta distorção do problema.

I. K. L. (Diamantino Martins).